

AS FRATURAS DA MODERNIZAÇÃO EM MORTE E VIDA SEVERINA

Grupo de Pesquisa
Literatura e
Modernidade
Periférica¹

Universidade de Brasília

RESUMO: *Morte e vida severina é um impressionante exemplo de como a literatura pode evidenciar um significativo sentimento de dilaceramento do autor diante das contradições entre a realidade local periférica e a universalidade literária, política e econômica. Os muitos Severinos do poema expõem as tensões de uma existência cujo destino é "seguir o próprio enterro". O objetivo do trabalho é analisar tais tensões com ferramentas da crítica materialista, mostrando como o poema testemunha os efeitos predatórios de uma globalização espoliadora.*

Palavras-chave: crítica materialista; modernização periférica; literatura brasileira; João Cabral de Melo Neto.

ABSTRACT: *Morte e vida severina is an impressive example of how literature can evidence a meaningful feeling of a writer tearing up in presence of the contradictions between the local peripheral reality and the literary, political and economic universality. The poor peasants, "Severinos", that emerge from the poem expose existence tensions whose fate is "to follow the own funeral". This paper intends to analyze such tensions with materialist critics tools, in order to show how the poem evidence the predatory effects of exploitative globalization.*

Keywords: materialistic criticism; peripheral modernization; brazilian literature; João Cabral de Melo Neto.

1 O Grupo **Literatura e modernidade periférica** consta do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq e é coordenado pelo Prof. Dr. Hermenegildo José de Menezes Bastos, da Universidade de Brasília. Integram-no professores da UnB e alunos do programa de pós-graduação em literatura. Atuando nas áreas de crítica materialista e histórica e enfocando, primordialmente, as relações entre o sistema literário e o projeto modernizador ocidental, o grupo tem produzido dissertações de mestrado e teses de doutorado. Tem, ainda, publicado livros e artigos em periódicos especializados e participado de congressos de amplitude nacional e internacional. O presente trabalho foi escrito em conjunto pelos pesquisadores: Prof^a Dr^a. Ana Laura dos Reis Corrêa; Drnd^o André Matias Nepomuceno; Prof. Drnd" Alexandre Pilati; Prof^a Drnd". Deane Maria Fonseca de Castro e Costa; Prof^a Drnd^a Maria Izabel Brunacci; Prof^a Drnd^a Germana Henriques Pereira de Sousa e Grnd^o Thiago Chacon.

Introdução - "a terra que querias ver dividida"

No lugar da tradicional auto-suficiência e do isolamento das nações, surge uma circulação universal, uma interdependência geral entre os países. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. Os produtos intelectuais das nações passam a ser de domínio geral. A estreiteza e o isolamento nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura mundial. (...) Províncias independentes, ligadas até então por débeis laços, mas com interesses, leis, governos e aduanas diversos, foram reunidas em *uma* só nação, com apenas *um* governo, *uma* legislação, *um* único interesse nacional de classe e *uma* só fronteira aduaneira. (MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*)

Se não soubéssemos a fonte da citação acima, pensaríamos tratar-se de texto atual, descrevendo, por exemplo, a criação da União Européia. Identificamos, de imediato, o processo da chamada "globalização" que, desde o início da década de 90 do século XX, vem sendo cantada e decantada como consequência inexorável do atual estágio do Capitalismo, contra o qual não se pode lutar, restando aos países a corrida em busca de inserção favorável no novo concerto das nações. Trata-se, sem dúvida, da internacionalização do capital, na etapa do capitalismo financeiro, dando continuidade a um processo que "imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países", que submeteu "o campo à cidade", que domesticou as nações consideradas bárbaras, obrigando-as "a adotar o modo burguês de produção"

e forçando-as a "introduzir a assim chamada civilização".²

Utilizaremos as perspectivas presentes nas idéias de Marx e Engels, citadas acima, como prisma interpretativo para uma leitura histórico-materialista da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Desse modo, pretendemos mostrar em que medida estética e literária se dá o arranjo temático-formal da obra de Cabral, o qual problematiza a inserção do Brasil no processo de mundialização do capital.

Antes, contudo, nesta primeira seção do trabalho, será necessário fazermos uma reflexão crítica acerca daquilo que hoje chamamos processo de globalização, especialmente no que tange ao seu avanço sobre os países periféricos do capitalismo mundial.

A esses países restou, tão-somente, a duvidosa inserção subordinada aos interesses do capital internacional, concretizando e aprofundando a dependência em relação aos países centrais, pela abertura econômica cada vez maior ao capital especulativo, pela privatização dos serviços prestados pelo Estado, pelo ajuste das contas internas, com vistas à obtenção de superávits primários cada vez maiores para fazer frente aos compromissos de pagamento dos juros de suas dívidas externas. Especialmente na América Latina, são hoje visíveis os efeitos predatórios dessa política de subordinação levada a cabo pelas elites regionais: o empobrecimento

2 Conforme MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Karl Marx, Friedrich Engels / Carlos Nelson Coutinho et. Al; Daniel Aarão Reis Filho (Org.) - Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 12-13.

acelerado das populações, a quase extinção da classe média, a escandalosa concentração da renda nacional, a miséria invadindo pequenas e grandes cidades, o crime organizado impondo-se como força social.

Testemunha desse caráter predatório, a viagem do retirante em *Morte e vida severina* se dá entre dois pólos da temporalidade local: o pólo do tempo feudal/medieval da caatinga e o pólo do tempo modernizado da capital, Recife. De um pólo a outro, caminha Severino, perdendo, a cada estação, as ilusões de superação de sua condição de miséria, que nutria no início da empreitada. Severino vai ao encontro do conforto mínimo que a modernização pode dar. Todavia, o que encontra é apenas a morte, que, cada vez mais, vê ativa. Durante a viagem, deparamos com um morto-vivo que segue seu próprio enterro. Severino é um ente fantasmal que emerge do atraso e, na dualidade vida/morte que rege a narrativa de sua vida, encontramos as fraturas do avanço do cosmopolitismo burguês global sobre o ambiente periférico, o qual ainda não conseguiu superar o atraso. Por isso Severino ainda vive, apesar de estar sempre no limiar da morte. Sua existência assombra e fere a aparência gloriosa da modernidade.

Partamos, pois, do seguinte princípio para analisar o conceito de "severino" em Cabral: a globalização reproduz, em escala mundial, as relações desiguais que dão sustentação ao Capitalismo. O primado da mercadoria se expande e abarca todas as relações entre os homens. A produção intelectual, científica e artística passa a ter circulação planetária, mediada pela indústria cultural, que intensifica o processo de apropriação das expressões genuínas da cultura popular,

esvaziando-as de seu conteúdo original e reproduzindo-as exaustivamente, banalizando-as, como faz, por exemplo, com a música produzida pelos movimentos socioartísticos das periferias das grandes cidades, seja na origem (por um reflexo vicioso de recepção massificada), seja na apropriação pela circulação industrial ou midiática. Por isso a expressão "globalização cultural" é, já no nascedouro, falsa: o que se "globaliza", o que circula pelo mundo como manifestação cultural é, na verdade, o CD ou o DVD - e as variadas espécies de merchandising midiático de produtos culturais, produzidos por transnacionais da indústria fonográfica -, portadores de uma mercadoria que depende de sofisticadas estratégias publicitárias para ser aceita pelo mercado como produto de consumo. Como toda mercadoria em circulação, tem "vida útil" curta, sendo rapidamente substituída por outra(s).

A recuperação da forma arcaica do auto de Natal, do cantar de excelências, do cantar de repente, dos objetos da artesanaria popular em *Morte e vida severina* nos parece bem sintomática dentro dessa perspectiva. Todos esses elementos testemunham o conflito do próprio artesanato literário, que tem de lidar não apenas com uma matéria cosmopolita moderna, mas também tem de dar conta de um dado local arcaico. O artesanato da beira do mangue do Recife e o auto de Natal de que se vale o autor são elementos do arcaico que teima em resistir diante do rolo compressor da mercadoria. Trata-se de glorificação do atraso? Pensamos tratar-se, principalmente, de evidências de um mal-estar autoral, que não se pode considerar descartável na análise do texto cabralino.

Isso porque, no caso do Brasil, assim como de outros países periféricos, conforme já aludimos anteriormente, o fenômeno da globalização insere-se no contexto das relações entre tempos e espaços desiguais, entre arrancadas de progresso e estagnações de atraso que caracterizam o desenvolvimento do Capitalismo e de seu conseqüente processo civilizatório.³ Por que não dizer, situa-se na tensão da coexistência de tempos e espaços desiguais, da não-contemporaneidade do que nos é contemporâneo. É, pois, fenômeno antigo, que aqui ocorre desde o início da colonização.

A Recife a que chega o Severino, desesperançado, carregando apenas desilusão, é fruto desse processo de globalização, desde seu estágio colonial. Severino chega, na verdade, a um grande entreposto de comércio que, desde a época da colônia, já fora cobiçado pela Holanda. A invasão do Brasil pelos holandeses é um capítulo da guerra de independência holandesa na disputa da colônia açucareira com Portugal. O avanço da Holanda teve apoio de uma parcela descontente da classe dominante local, para a qual tinha o mérito de não questionar a estrutura escravagista. Durou de 1540 a 1647 a tentativa de construção da "Nova Holanda" no Brasil, alternando períodos de guerra e de armistício com os portugueses. Maurício de Nassau, alto executivo da Companhia das Índias Ocidentais, governou a região litorânea de Pernambuco até a Bahia, de 1640 até 1688, período em que reali-

zou grandes obras de engenharia e foi auxiliado por sábios, artistas e administradores estrangeiros. Esse processo transformou Recife em centro cosmopolita iluminista de brasileiros, portugueses, holandeses, franceses, alemães e ingleses. Mas seu objetivo maior foi retomar a produção de açúcar e transformar a cidade em importante porto de escoamento das exportações do "ouro branco". Para isso, leiloou a crédito os engenhos abandonados e viu as plantações de cana-de-açúcar invadirem vastas áreas da região. Todos os esforços eram feitos para modernizar rapidamente a cidade pernambucana.

A produção do açúcar contava, na época, com alta tecnologia, comparável, hoje, ao que se denomina "tecnologia de ponta". A administração da Companhia das Índias Ocidentais aliou o grande fluxo de capital da região com as melhorias de infra-estrutura e saneamento básico, construção de escolas, hospitais e orfanatos. No entanto, considerado perdulário pela matriz, Nassau perdeu apoio político e foi obrigado a voltar à Holanda, o que facilitou a tomada do poder pelos portugueses, com apoio da já organizada classe dominante local. Criavam-se as condições favoráveis, então, para a chegada e instalação da Companhia de Jesus, pronta a ocupar o espaço deixado pelos protestantes holandeses.⁴

O período da administração de Nassau possibilitou ao Brasil-colônia uma inserção internacional no desenvolvimento do mundo capitalis-

3 Sobre o conceito de desenvolvimento desigual e suas implicações para o Capitalismo, ver WALLERSTEIN, Immanuel. *O Capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985, Coleção Primeiros Vãos.

4 Evidentemente, o episódio da ocupação holandesa é apresentado de forma resumida, apenas para demonstrar suas relações com o processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Para narração factual detalhada, ver *Isto É Brasil 500 anos* (Atlas histórico), São Paulo: Editora Três, 1998.

ta, com a cosmopolitização da região Nordeste e a extensão de seus benefícios apenas a uma parcela da população. Esse progresso, entretanto, coexistia com as práticas arcaicas de posse da terra pela violência e da escravidão no interior de engenhos e de usinas produtoras de açúcar. Tais práticas, a persistir a lógica do desenvolvimento desigual, não podem ser, ainda, consideradas extintas.

Tanto menos poderiam ser consideradas extintas na década de 50, época em que a palavra desenvolvimento toma o proscênio do palco político-econômico nacional e a euforia modernizadora marca o narrar da história. A partir desse momento, como que vivendo uma nova etapa de colonização, o Brasil passou a depender fortemente da expansão dos países centrais e dos investimentos de multinacionais norte-americanas e européias. O texto poético de Cabral narra, todavia, a contrapelo da história oficial, o oposto contraditório dessa inserção do Brasil na lógica industrial global. Ele pode estar nos lembrando que há muitos Severinos vagando como fantasmas entre as fraturas da não-contemporaneidade contemporânea, em que só a mercadoria transita ativa. É possível, pois, confiar na modernidade que se vê à periferia do Capitalismo? Severino, o retirante, e o leitor atento constatarão, ao fim da viagem-narrativa, que, na sociedade da imagem industrializada, não há que se confiar naquilo que se tem diante dos olhos.

1. "levas somente/ coisas de não/ fome sede privação"

Antes de focalizar as estações mais relevantes da viagem severina, atentemos para o

dilaceramento da forma arcaica do auto de Natal, utilizada para narrar um percurso que se estende do arcaico ao moderno, sem jamais deixar aquele, mas adentrando este. Em *Morte e vida severina*⁵, a forma do auto presta-se a encenar não exatamente uma história, mas uma condição de classe, que o autor chamou de severina. Entretanto, os Severinos são feitos de privação, não têm vez, não têm voz, nem terra, nem trabalho, nem lugar. Têm, apenas, "coisas de não: fome, sede, privação."⁶ Por esse motivo, Severino não pode ser um nome próprio, mas, antes, um adjetivo, uma qualificação que põe à mostra a desqualificação, a indignação do que não é possível nomear sem alterar, mas também a severidade de resistência que faz lembrar Euclides da Cunha: o Severino é, como o sertanejo, um Hércules-Quasímodo.

Acompanhemos, pois, para melhor elucidar as fraturas do projeto modernizador global, a viagem do personagem Severino, procurando verificar que elementos literários contribuem para a exposição dos dilemas da história e da literatura periféricas. Seguindo o percurso-esclarecimento de Severino, não encontramos alento: por todo o seu percurso, o conhecimento adquirido foi o da negatividade. Essa negatividade esvazia o personagem de função, de utilidade, destruindo as habilidades que lhe conferem identidade, e, ao mesmo tempo, retira-lhe a

5 Trabalhamos com o texto de *Morte e vida severina* presente nas *Obras completas de João Cabral de Melo Neto*, Editora Nova Aguillar, 1994. As referências de páginas, doravante, remetem a esta edição.

6 P.177.

esperança. A parca esperança inicial do migrante é o que o fazia viajar e, em última instância, suportar a sua sina de fome e privação. Estabelece-se, portanto, na lógica do percurso narrativo, uma lógica do esclarecimento, que retira do Severino a segurança em relação àquilo que esperava da vida ao emigrar.

Sob essa perspectiva, percebemos que a estruturação de *Morte e vida severina*, ao mostrar a migração do Severino, segue uma espécie de lógica do "o que você vê não é o que parece". A presença do verbo ver no texto é, aliás, abundante e extremamente significativa. Seu campo semântico oscila entre a visão/observação (positiva) e a constatação/compreensão (negativa). A seqüência das cenas do auto que representam a viagem severina formaliza essa oscilação na chave estrutural da alternância monólogo/diálogo. Severino nutre-se de esperança diante das novas paisagens que vê. Contudo, personagens e ações aparecem alertando-o para o fato de que aquilo que ele está enxergando é carregado de pura negatividade e morte. Logo, não é possível fiar-se no que se vê.

A hibridez da forma poética do auto cabralino também evidencia que não se trata daquilo que se vê. *Morte e vida severina* é um auto de Natal? Como então explicar a palavra *leitor* na primeira indicação cênica? Desde logo, essa palavra fratura a estrutura tradicional do auto de Natal, negando que este seja um texto destinado unicamente à representação, o que estaria na natureza do texto teatral. Dirigido ao leitor, o texto o convoca para acompanhar a viagem do Severino retirante do sertão ao Recife, ao litoral.

Essa viagem vai ser narrada segundo o rit-

mo do desfiar das contas do rosário, no qual cada conta representa uma cidade. Eis o choque entre o pensamento mágico arcaico de Severino e a materialidade que encontrará a caminho da modernidade. A viagem também não é o que se vê: o caminho é o rosário, mas, em vez de encaminhar para a transcendência, o rosário encaminha o personagem para a materialidade da exploração e da morte.

A partir, pois, da forma do texto, temos uma contradição, uma tensão constante entre as relações arcaicas e o mundo capitalista. Prova disso é a linguagem do texto: percebemos, encarceradas num metro arcaico (redondilha maior), metáforas da mais requintada modernidade e, logo, dissonantes em relação ao mundo de Severino. É o Severino retirante quem fala? Ou não podemos confiar no que vemos?

Na estruturação da narrativa, o autor reduziu as paradas da viagem severina às mais emblemáticas: àquelas cidades ou lugarejos que vão permitir a Severino, e ao leitor, desvendar tanto o "mistério" da viagem, quanto o do rosário e o da reza. São pausas na narrativa-viagem que vão permitir a entrada em cena de outros personagens, os quais exercem a função, no jogo teatral, de contrapor à esperança de Severino - encontrar uma vida melhor no litoral, ou seja, condições que lhe permitam viver um pouco mais, em vez de morrer "de velhice antes dos 30"⁷ - a verdadeira e derradeira verdade: a de que não há lugar disponível para os Severinos na modernidade e no progresso. Para eles, resta só o eito e o suor da faina cotidiana. Para atin-

7p. 172

gir esse esclarecimento, o autor faz oscilar cenas de monólogos e diálogos.

Para acompanharmos melhor o percurso severino do retirante, dividiremos a análise em estações, segundo as paradas realizadas pelo personagem na viagem. São elas: (i) sertão; (ii) zona da mata/latifúndio; (iii) Recife/cemitério e (iv) presépio no mangue.

1.1 Sertão: ave-bala; ave-palavra

Na primeira cena do auto, Severino, o retirante, apresenta-se ao leitor. Nesse monólogo inicial, ambientado no sertão, Severino aparece entre o coletivo e a individuação da modernidade. A narrativa, que seria um meio de responder à pergunta - Quem? - forma típica da identidade moderna⁸, não pode fazê-lo; Severino não faz da narrativa sua identidade; alguém fala em nome dele. Em vez de individualizar-se na apresentação, Severino torna-se símbolo de uma coletividade esmagada:

E se somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina⁹

Por isso os Severinos encontrados pelo protagonista durante a narrativa podem ser considerados reproduções do migrante. O adjetivo severino torna-se uma marca, um estigma de

quem está fadado a permanecer aquém do humano e que, para se tornar legível para as "vossas senhorias" a quem o texto é dirigido, passa a ser o Severino personificado que emigra na presença do leitor. O Severino migrante é, portanto, a forma-personagem que o autor encontrou para, pela encenação, tornar visível ao leitor uma das partes do conflito de classes: aquela que não tem representação, que não pode chegar à condição de autonomia, nem mesmo na esfera da solução imaginária que o discurso literário oferece para os problemas reais.¹⁰

Após o monólogo de apresentação, a primeira estação da viagem, geograficamente, refere-se ao sertão e à caatinga. Simbolicamente, entretanto, refere-se a um mundo em que relações arcaicas de produção ainda predominam, com pequena, mas significativa, participação de elementos modernos. Assim, a primeira parada na caminhada do retirante se dá no encontro com os "irmãos das almas", que gritam a ausência de sua culpa na morte de mais um Severino, cujo corpo carregam, o lavrador. Esses irmãos das almas vêm de longe. São personagens de uma literatura arcaica e de um lugar arcaico, "onde a Caatinga é mais seca".¹¹ Esse mundo arcaico é um lugar sem lei, onde a "ave-bala" voa livre. É um mundo por demais afastado do mundo do leitor, que pode ter notícias de lá, pelo lamento

8 A respeito da identidade narrativa, consultar RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. São Paulo: Papyrus, 1991, pp. 167-175.

9 p. 171

10 MACHEREY, Pierre e BALIBAR, Etienne. Sobre la literatura como forma ideológica. In: ALMARGO, Juan M. Azpitarte (selección e introducción). *Para una crítica del fetichismo literário*. Madrid: Akal Editor, 1975, p.34.

11 P.173

dos irmãos das almas, pois "muito longa é a viagem e a serra é alta".¹²

A morte desse Severino lavrador dá-se pela expansão do domínio de terras de um grande proprietário, que o texto omite pela elaboração requintada da metáfora "ave-bala". Assim como acontece com o discurso histórico hegemônico que omite os culpados pela espoliação da modernização, nessa cena Severino lavrador é morto sem que se apresente um culpado. O requinte da moderna metáfora da ave-bala elide o nome culpado, mas, ao mesmo tempo, dá evidências de que ele tem ligações com a modernização:

quem contra ele soltou
essa ave-bala?
- Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala
voando desocupada.¹³

Percebemos, portanto, que o avanço do grande proprietário de terras sobre o pequeno lavrador denuncia a voz autoral, pois o responsável pelo refinamento da metáfora ave-bala é o autor. Estamos diante de um fio que vai da forma literária à forma histórica, revelando as fissuras de uma e de outra.

Pouco mais adiante em seu percurso, ainda no agreste, Severino encontra uma rezadeira postada à janela e a ela vai pedir emprego. Diante da solicitação de Severino, a rezadeira insiste na pergunta retórica "o que fazia o compa-

dre/ na sua terra de lá?".¹⁴ Severino lhe dá as respostas mais simples: seu saber está reduzido à vida do campo, ao trato com os bichos, à terra, à plantação. Mas a rezadeira o coloca diante de um impasse: para sobreviver naquelas paragens é preciso ter o dom da fala, do convencimento:

mas diga-me, retirante
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos encomendar?¹⁵

E preciso saber lucrar com a morte alheia ("a morte é farta, vivo de morte ajudar", diz a mulher), encomendando-a, embelezando-a pela reza. A rezadeira não é uma religiosa, mas sim uma comerciante da palavra. Ela sabe muito bem que não há trabalho, pois "o banco não quer financiar" roçados e a usina avançou sobre os engenhos. A modernização rouba do Severino sua capacidade produtiva, estabelecendo um mundo híbrido. Mais uma vez, temos exposta a lógica do "não é aquilo que se vê".

Para Severino, portanto, não há emprego possível. Ele não consegue responder à rezadeira. Naquele lugar não há espaço para o seu saber, o saber tradicional, pré-capitalista, que, ali, de nada mais vale. O saber só está disponível, ali, para as profissões do mundo moderno - médicos e farmacêuticos -, inclusive as da arte do engodo, do convencimento, tão próprias

12 P. 175

13 p.173

14 p. 179

15 pp.180-181

à política, encarnada pela rezadeira. Ela pode folgar na janela, porque não trabalha, vive da especulação da morte alheia - o roçado que cultiva é o da morte, que dá "lucro imediato" e não precisa esperar pela colheita. O roçado da rezadeira é também o da literatura, ou da política, pois sua ferramenta básica é a palavra. A reza da mulher vaga fantasmática num mundo cujo modo de produção não inclui, como mercadoria, o ato discursivo de "encomendar o morto". Decorre daí a posição privilegiada da mulher "emoldurada" na janela, dona do poder da palavra: ela utiliza o descompasso modernizador periférico para se alimentar das desgraças do atraso e do abandono político.

O mundo do progresso, para o qual estão voltados os investimentos e os projetos da elite do Brasil nos anos 50 (época da elaboração do poema), a partir de alianças com os investidores externos e acompanhando uma tendência que, hoje sabemos, se solidificaria sob a fórmula de uma globalização contraditória, jamais será alcançado pelos Severinos.

Percebemos, dessa forma, o caráter conflituoso que está na base do processo modernizador, encenado em todo o percurso do retirante e, de modo especial, no encontro com a rezadeira. O leitor vê o fechamento de todos os acessos ao mundo do trabalho e da produtividade para o Severino, embora o discurso inicial da mulher na janela seja o de que "trabalho aqui nunca falta/ a quem sabe trabalhar".¹⁶ Essa é uma sentença que, aliás, sempre fez parte do jargão conveniente e retórico da classe dominante.

16 p.179

Embora todas as capacidades produtivas de Severino sejam desqualificadas no novo mundo instaurado pelas etapas contraditórias do progresso, que coexistem no sertão e se resumem a uma seqüência perversa (trabalho-especulação-espetáculo-morte), as profissões qualificadas (farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular) "fazem da morte ofício ou bazar".¹⁷

No mundo onde só "os roçados da morte" pensam cultivar, Severino não pode produzir nem trabalhar "a meias" com a rezadeira. Não porque não saiba rezar somente, mas (o que ainda não se diz no texto) porque está na outra ponta da negociação, pois Severino é a fonte de lucro da palavra-mercadoria da rezadeira, cuja matéria-prima é a morte.

1.2. Zona da mata: homens com terra; homens sem vida.

Deixando o agreste pernambucano, o Severino adentra a zona da mata, onde se encontram os latifúndios e as usinas de cana-de-açúcar, embora o texto indique novamente que o que se diz não corresponde ao que se vê. Todo o processo desenvolvimentista dos centros urbanos, no Brasil dos anos 50, deu-se em coexistência com relações arcaicas no campo. A viagem narrativa, por sua vez, expõe tais contradições, estabelece-se sob a forma circular e, por mais que se estenda, não pode, efetivamente, conduzir para fora da tensão encenada.

A natureza da zona da mata, quando da chegada do personagem, é descrita como uma

17 p.181

paisagem fantasma, mas pródiga, que leva o Severino a imaginar que seus habitantes estão em férias. O personagem sente o cheiro da terra chã, da terra úmida da zona da mata; mas, ali, algo de estranho acontece. Não se vê ninguém nos campos, em lugar algum, só um "bueiro de usina" e um "bangüê velho em ruínas".¹⁸ Mais uma vez, o horizonte de expectativa de Severino é frustrado, assim como o do leitor, pois lhe é revelada a verdadeira vida do lugar. Não há férias, ninguém trabalha, pois há um morto, chamado Severino, para enterrar. Todos se encontram em seu enterro. Não eram férias aquele deserto que se via no canavial: era a morte, ainda ativa.

Os trabalhadores rurais organizados enunciam o discurso de classe. São bóias-frias que, enterrando o companheiro morto, desfiam o rosário da vida naquele lugar - o da luta pela terra e do trabalho em terra alheia ("o trabalho a meias em terra alheia"). Num lugar que parecia, a Severino, farto e cheio de vida, aparece a morte por cansaço e por doença. A injustiça e a exploração social matam tanto quanto a fome e a seca no agreste.

Mas, aqui, o elemento acumulação, tipicamente moderno, descortina-se aos olhos de Severino e do leitor. Descobrimos que, se há fartura, esta não é dividida. A ela os trabalhadores não têm acesso ("o chão bebeu o suor vendido"¹⁹).

Nesse trecho expõe-se a corrosão do mundo antigo do bangüê, que, todavia, per-

manece na forma de ruínas do mundo pré-moderno. No processo de esclarecimento de Severino, vê-se que o passado, mesmo numa região mais modernizada, teima em não passar. Em contraste com as ruínas do bangüê, está o mundo do capitalismo moderno, do monopólio da terra e dos meios de produção.

Assim, o retirante descobre que não bastam água e terra boa, mas que ainda é preciso ser o dono da terra para poder feriar. Mas esta só é dada ao trabalhador como cova, sete palmos de terra que viram mulher e manto. A terra, mulher tão feminina na visão esperançosa e anterior de Severino, agora, diante do corpo do trabalhador morto, é a madrasta que "despiu de privação" o camponês. Severino aprende mais uma verdade: não há diferença entre caatinga e zona da mata. Em Goiana, zona da mata pernambucana, o discurso dos camponeses é diferente daquele da rezadeira, que se situa com relação àqueles num espaço-tempo de transição, entre o sertão e o litoral. Na zona da mata já há, no discurso dos trabalhadores, a consciência de que são explorados, e que, não tendo a posse da terra, de nada valem. Seu fim, portanto, é a morte, assim como o do companheiro que enterram.

O canto de enterro dos trabalhadores segue a lógica metafórica da identidade entre homem e terra. Tal identificação, entretanto, dá-se como pura negatividade. Os parques bens que a vida negou ao Severino (terno, chapéu, vestido) transformam-se na coberta de terra que recebe o corpo morto. E a concretude das coisas que confere uma ironia cáustica ao tom do discurso de classe, como no já célebre tre-

18 p.183

19 p. 185

cho: "a terra que querias ver dividida".²⁰ A exploração, base do processo modernizador capitalista, é, pois, aquilo que estabelece o destino fúnebre do Severino.

1.3. Periferia do Recife: minha viagem; meu enterro

A estação seguinte à do latifúndio é a da periferia do Recife, onde o Severino encontra um cemitério e escuta a conversa de dois coveiros²¹, que lhe esclarecem, por fim, qual é o sentido da viagem do migrante.

A viagem dos Severinos é a daqueles que, na contradição das classes sociais e do modo de produção capitalista periférico, já nasceram atrasados, nunca vão chegar à etapa modernizada para onde se dirigem. É esse o saber adquirido pelo retirante, um saber traumático, que não é acessível pela formalização do instrumento tradicional do método pergunta/resposta, mas como uma experiência equívoca, da qual se pretendia fugir. É uma experiência daquele que vê o que não era para ser visto e ouve o que não era para ser ouvido.

20 p. 183

21 Note-se a semelhança do episódio com a cena de *Hamlet*, em que dois coveiros conversam, sem saber que são escutados pelo protagonista. Lá, os coveiros falam do afogamento de Ofélia, discutindo para saber se a amada de Hamlet merece ou não um enterro cristão. Os coveiros de Cabral também falam de afogamento e suicídio: o do Severino que se mata, atirando-se no caixão de água doce do Capibaribe. Diz um dos coveiros de Shakespeare: "Se não se tratasse de uma senhorinha de importância, não lhe dariam sepultura cristã". Está referida, aí, a mesma divisão social da morte exposta pelos coveiros de *Morte e vida severina*. Também nos coveiros de *Hamlet* há uma curiosa e irônica defesa da profissão, de forma bastante semelhante à dos coveiros ouvidos por Severino.

É o que ocorre com o retirante, que ouve, dos coveiros, sem ser visto, o que não era para ser ouvido, isto é, a verdade trágica sobre os retirantes:

Mas o que se vê não é isso:

(...) Não é viagem o que fazem,
vindo por essa Caatinga, vargens,
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.²²

Os coveiros, como arautos da morte, expõem ao Severino o mundo do trabalho, da estratificação social. A questão que se estabelece aí é relacionada ao fato de os coveiros serem partícipes da indústria da morte. De algum modo, eles detêm uma verdade que é também conhecida pelos sociólogos do lugar, citados mais adiante na narrativa. O conhecimento da estratificação social, em toda a sua barbárie, contrasta com a languidez acomodada, conformada e individualista dos coveiros, os quais intentam apenas a melhoria de condições do próprio trabalho.

Diante dessa tentativa dos coveiros de participar do teatro da morte da elite pernambucana (enterram-se menos ricos com mais pompa), a conclusão do Severino ganha ainda mais em dilaceramento. O autor, como a expor sua culpa, está do lado dos coveiros. Como eles, conhece os segredos do sistema. Talvez o máximo que possa fazer, como intelectual e poeta, seja participar, com o poema, do grande teatro modernizador empreendido pelas elites locais.

22 p.191

O avesso dessa culpa é a exposição violenta do destino da vida severina: seguir seu próprio enterro. Severino não está fazendo uma viagem. Dizem os coveiros: "não é viagem o que fazem, vêm é seguindo seu próprio enterro". Peça literária arcaica num Brasil que exalava modernização e internacionalismo, *Morte e vida severina* não poderia estar mostrando a presença do atraso a corroer o sorriso do projeto modernizador da elite tropical? O destino do Severino não seria o destino do próprio país: seguindo o próprio enterro enquanto o capital encena seu teatro futurista e espetacular? O projeto nacional em marcha no país nunca é o que parece.

O projeto literário tem profundas ligações com esse projeto nacional. Assim como Severino, o Brasil está em busca de identidade, após a queda da ditadura Vargas. Assim como a identidade é impossível ao personagem, a identidade é impossível a um Brasil que abriu as portas para uma globalização de capital especulativo. Assim como o Brasil, Severino avança, mas não supera o arcaico que o marca com o estigma da morte.

A terceira etapa da viagem de Severino, iniciada com a conversa dos coveiros, termina, ainda na periferia do Recife, nos mocambos do Capibaribe. Nesse trecho da viagem se dá a tematização do nascimento do menino Jesus, prometido pela forma auto de Natal.

Seção composta de longas cenas e de significado extremamente relevante para as hipóteses que aqui têm sido desenvolvidas, daremos destaque a ela, analisando-a mais longamente, buscando evidenciar o tensionamento dialético negatividade/positividade.

2. "É difícil defender/ só com palavras a vida"

A tensão desse trecho de *Morte e vida severina*²³, em que se encena o presépio, é a da literatura periférica marcada pela contradição entre a consciência dilacerada do atraso, expressa no saber traumático do Severino, e o comprometimento histórico da literatura com a amenização da consciência do atraso²⁴, evocada pelo nascimento do filho do mestre Carpina, que reenvia a leitura aos laços com o discurso retórico e tradicional. É dessa tensão, fruto da má-consciência do autor, que nasce a possibilidade, não de emancipação de Severino, mas de encenação do conflito de classes, e, mais especificamente, da parte sem possibilidade de representação desse conflito insolúvel, que só pode ser enfrentado a partir da aproximação irredutível do seu profundo antagonismo.

É esse saber traumático que adquire o retirante após ouvir os coveiros:

23 Este trecho final reúne as cenas: APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS QUE EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO; UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ; APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS CIGANAS, ETC; COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO; FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS; FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES, ETC; O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA.

24 Com relação aos conceitos de consciência amena e consciência catastrófica do atraso, consultar CÂNDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. 3 ed, pp. 140-162.

e chegando aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.²⁵

Diante disso, aparece a última e dilacerante constatação do retirante:

que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?²⁶

Para as engrenagens da globalização espoliadora, vida e morte severina são uma única e mesma coisa: os Severinos já nascem atrasados para embarcar no trem do progresso e estão sempre adiantados no que se refere ao seu próprio enterro. Nesse tempo fora dos eixos, o texto de João Cabral encena a profunda contradição de classe, da qual não escapa o discurso literário.

Conseqüentemente, a representação de um auto tradicional, positivo, já não é mais possível, pois o contexto mudou. É impossível a positividade na vida do Severino, que só é vida quando é mirrada. Só pode, portanto, ser encarada dialeticamente, como o avesso da morte. A pergunta do Severino remete à do autor e à do leitor: o que é morte, o que é vida? Tudo é vida-e-morte severina.

Exemplo disso aparece quando Cabral define a vida como "explosão", que pode pare-

cer positiva, mas agrega a ela um outro adjetivo, "mirrada", seu oposto. Como pode ser uma explosão mirrada? A representação do espetáculo da vida é tensionada pela vida mirrada, e pelo fracasso da retirada de Severino, que vai ao encontro da própria morte, ou de uma vida severina.

No poema, as tensões se manifestam não apenas no léxico, mas também de forma subterrânea: é a vida que, qual doença, infecciona a miséria, as mangabas que vêm do cajueiro e os quintais dos ricos que estão nos Aflitos ou no Espinheiro. A inversão é um importante traço estético e, portanto, político, que organiza a construção do texto, criando estruturas cambiáveis e lançando suspeitas sobre o fazer poético.

As contradições expostas nesse trecho do poema são as da própria literatura, e delas João Cabral não pode fugir. O autor assume, assim, na forma do texto, o risco contraditório de tentar fazer o Severino falar, mesmo que a única forma para tanto seja a dos meios literários: o recurso ao auto, às formas tradicionais, também elas comprometidas com o processo modernizador.

Por isso pensamos que as contradições do texto não estão centradas apenas na oposição entre morte e vida, pessimismo e otimismo, entre o desejo de Severino de pular para fora da vida e o nascimento do filho do mestre Carpina - que, no dizer da vizinha, "pulou para dentro da vida".²⁷ Entre vida e morte parece não vigorar a tradicional oposição, pois escolher entre viver e morrer é um luxo negado aos Severinos. Vida e

25 p.192

26 p.195

27 p. 195

morte, quando severinas, são um par indissolúvel, pelo qual saltar para dentro da vida é já, de certa maneira, saltar para fora dela.

Sob a sombra dessa tensão final, exposta pelo nascimento de um Jesus "enclenque" e "setemesinho", surge, aos olhos do leitor, uma importante discussão a respeito das relações entre arte e industrialização.

A reflexão sobre essas relações vai nos levar ao desfecho do auto e da presente análise.

2.1. "O avesso da rua Imperial"

O desfecho de *Morte e vida severina* apresenta a movimentação dos habitantes do mangue em torno do nascimento do Severino, que simboliza, na estrutura religiosa do poema, o menino Jesus. São narradas, aqui, previsões, saudações e oferendas feitas para o menino que chega e que é disforme, mas "belo como um sim / numa sala negativa".²⁸ Interessa-nos, aqui, analisar, precisamente, a simbologia das oferendas feitas ao menino, pois tais ofertas inserem, no motor poético das oposições entre moderno e arcaico, a força dos elementos culturais localistas.

Assim como as referências poéticas às imagens da natureza regional (sertão, agreste, zona-da-mata, rio, pedra, mangue, vegetação, lavouras, animais etc), constatamos, neste trecho final de *Morte e vida Severina*, a referência a formas de arte popular genuína, que indicam a interpretação de sua presença no texto como resistência.

O "auto de natal" persiste, nas cenas finais, portanto, refundido com a inserção do elemento culto crítico (sério) sobre a exclusão de classe, de cuja fusão com a saga épico-reflexiva da negatividade do(s) Severino(s) personagem(ns) resulta uma tensão de acuidade social, sem prejuízo da identificação entre lírica e leitor distanciado, representado textualmente pelo "vossa senhoria" inicial. A formalidade do tratamento revela esse leitor como beneficiário, em algum grau, do pólo positivo da modernização conservadora, propulsora do êxodo rural e do processo de urbanização excludente.

Dessa maneira, a referência contida, especialmente, no trecho "Começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido", leva, a nosso ver, ao conceito de arte leve, cunhado por Adorno/Horkheimer.²⁹

Contudo, em vez de os termos referentes à matéria local atingirem o "reino da liberdade" da arte burguesa "séria", eles remetem à "verdadeira universalidade". Nessa perspectiva, Adorno e Horkheimer relacionam a arte leve ao efeito de uma falsa universalidade, exatamente por ser constituída sob a condição da exclusão das classes inferiores. Desse modo, pela própria trajetória do personagem principal do texto de Cabral, a seriedade burguesa torna-se duplo escárnio.

A partir dessa leitura, podemos inferir uma torção de grau mais deteriorado, uma vez que, nas condições histórico-sociais da periferia

²⁹ O conceito encontra-se proposto em *Dialética do esclarecimento*, em particular na seção "A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas"

28 p.200

do Capitalismo, além de o progresso coexistir com o arcaico, dele tirar proveito perverso e, portanto, não se realizar como horizonte histórico na progressão rural-urbano, o próprio escritor não se pode desfazer dos meios (literários e sociohistóricos) para atingir aquela falsa liberdade dos fins.

A própria esfera de autonomia do escritor vê-se, assim, particularmente mutilada, por ser intrinsecamente afetada pelo atraso diferenciado. Enquanto poucos Severinos podem alcançar as máquinas e gozar o tempo livre como passatempo, pois mal sobrevivem ao êxodo, o poeta só se realizaria enquanto autônomo caso fosse hipócrita ou populista.

A arte leve acompanhou a arte autônoma como uma sombra. Ela é a má consciência social da arte séria. O que esta - em virtude de seus pressupostos sociais - perdeu em termos de verdade confere àquela a aparência de um direito objetivo. Essa divisão é, ela própria, a verdade: ela exprime, pelo menos, a negatividade da cultura formada pela adição das duas esferas. A pior maneira de reconciliar essa antítese é absorver a arte leve na arte séria, ou vice-versa. (Adorno-Horkheimer, 1985, p. 127)

A tensão obtida por João Cabral em nenhum momento é resolvida. Dessa forma, o ponto de vista "sério" do autor-textual caracteriza uma genuinidade/autenticidade em que - sem a conotação intelectual-filosófica conceituai da negatividade, que possibilita à alta obra de arte fazer o tensionamento com a perda de autonomia da arte de massa - estão presentes e até prevalentes valores de resistência, por conotar positivamente, e emancipatoriamente, elementos que o processo de modernização periférica con-

servador tenta (e realiza) aproveitar como mercadoria ou marca do pitoresco. Tais elementos, para o Severino, e para o leitor identificado com sua possibilidade de sobrevivência e 'renascimento', levam à geração e preservação, de alguma forma, da identidade popular: lugar de inclusão social e reafirmação simbólica, para além da cova ou do mangue lamacento como locais de lixo literal ou condições de vida degradadas, frente à metrópole avessa da modernização urbana.

Então, nos vários exemplos encadeados a demonstrar a força vital desta identidade, temos a apresentação do extrativismo, os produtos-índices da natureza regional (singular) que viabilizam a alimentação (leite materno, caranguejo, frutas), os que se referem a lugares e à fauna, como o canário-da-terra e seu canto corrido, a bolacha d'água de Paudalho, o artesanato de barro de Severino de Tracunhaém, a água da bica do Rosário, em Olinda, e a pitu de Gravata. A louvação altaneira dos produtos - valor de uso físico e simbólico - configura-os como signos de identificação, identidade autônoma e auto-estima, dispostos no poema com caráter estético do pertencimento autêntico à geografia física, política e humana. Tal caráter estético apresenta-se, ainda, pela singeleza irônica de usar o refugio dos letrados como cobertor: jornais velhos para cobrir de letras "quem vai um dia ser doutor".

3. Considerações finais - "para um mocambo melhor / nos mangues do Beberibe"

Estamos, portanto, diante da revelação de um Pernambuco paralelo ao espetáculo de

uma modernização capenga e violenta, por ser intrinsecamente mantenedora e até intensificadora da exclusão. O abacaxi de Goiana e o rolete de cana, mais as ostras do cais da Aurora (perceba-se a nota lírica dos próprios nomes a desprender uma poesia algo agreste, rude, mas eficiente enquanto natureza vital singular, ligada ao homem da terra). Tamarindos da jaqueira e jacas da tamarineira (veja-se o aspecto formal de rimas ressaltando a contradição, a inversão, o contraste, o avesso posto aos Severinos, e ao leitor que deles não pode se livrar, pela má-consciência e ao mesmo tempo identificação ética na concretude do sofrimento e da resistência), como noção expressa da caracterização correspondente desse aspecto máximo do popular genuíno, ao deparar com a capital, Recife. Mangas, cajú, peixes, carne e siris "apanhados no avesso da rua Imperial".³⁰

A interessante inversão implica o desperdício dos ricos dos bairros 'nobres' do Espinheiro e dos Aflitos, talvez também gananciosos por vender suas mangas, sabidamente 'botadas' em profusão pelas fecundas mangueiras carregadas, que as despejam no chão, ainda que como refúgio, para não perder nada, lucrar sobre a miséria.

O contraste com a solidariedade visceral pressuposta nos goiamuns (meio típico de sobrevivência, tornada, por venda direta ou atravessada, iguaria para os mesmos 'ricos', talvez freqüentadores das praias, certamente não dos mangues), desta vez dados (sem troca, portanto) pela gente pobre dos interstícios da cidade

grande para, mais uma vez, celebrar a vida e o futuro do novo Severino, explosão de nova vida, ainda que franzina, diante da qual o poema conflui para o fim.

Apesar de todos os tipos de adversidade histórica, persiste a pergunta na saga de Severino e no Pernambuco como totalidade real, desigual e combinada, desde o sertão primitivo presente no Recife moderno. Vale a pena seguir essa vida, ainda quando é a franzina vida severina?

A pergunta resiste, pois não é facultado ao leitor identificar-se também com o severino remediado ou adaptado, tampouco se descolar da verdadeira universalidade da realidade, em que os meios o agridem desde a paisagem física e humana do cotidiano.

A presença concreta de elementos anteriores ao avanço da indústria cultural - fatores de entretenimento e autonomia, permeados por valores de uso, utilidade, subsistência material e cultural cotidiana -, antes de o povo do interior tornar-se tendencialmente massa, possibilita ao autor do poema cantar as identidades da terra. Mas, desse material, de modo algum é possível ufanar-se, pois a necessidade do direito objetivo, aqui, impõe ao Severino da vida de todo dia a contraditória posição de ser, ao mesmo tempo, construtor e marginal de sua própria resistência.

Exatamente por não transformar esse testemunho paradoxal em resposta é que o poema afirma a verdade de não ser mero divertimento fúnebre, para contemplação à distância pelas "vossas senhorias", problematizando o Severino entre o povo e a massa que sustentam a liberdade do letrado, abortada antes de nascer.

Entre a positividade e a negatividade,

30 p. 198

portanto, estabelece-se a narrativa-viagem de *Morte e vida severina*, que nada mais faz senão testemunhar, numa mescla muito peculiar de arte culta (instrumental crítico moderno) com arte popular (matizada, visceralmente, por elementos e formas do arcaico genuíno), o avanço do capital global, impondo diferenciações inarredáveis sobre as contradições tradicionais locais. Avanço este que atinge as dimensões políticas, econômicas e sociais de um país, cuja elite sonha com o desenvolvimento, mas, ao acordar, dá de cara com o avesso-pesadelo de seu projeto: uma existência setemesinha, severina, que nem a religião, nem a modernização, nem a poesia podem redimir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (Trad. Guido Antônio de Almeida) Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- BASTOS, Hermenegildo. *Los tiliches o ei mundo ya casi inmaterial de Juan Rulfo*. México-DF: Editora da UNAM/CCYDEL, no prelo.
- BASTOS, Hermenegildo. Dos criminosos e seus relatos. Negatividade e aporia em Juan Rulfo. In: *Cerrados*. (Revista do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília) Ano 12, n. 15 (2003). Brasília: 2003.
- DUARTE, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- ISTO É. *Brasil: 500 anos* (Atlas histórico). São Paulo: Editora Três, 1998.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MACHEREY, Pierre e BALIBAR, Etienne. Sobre la literatura como forma ideológica. In: ALMARGO, Juan M. Azpitarte (selección e introducción). *Para una crítica dei fetichismo literário*. Madrid: Akal Editor, 1975.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MELO NETO, João Cabral de. Considerações do poeta em vigília - Entrevista. In: *Cadernos de literatura brasileira*. Nº 1. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.
- PILATI, Alexandre. Pode o Severino falar? In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 13. Brasília, maio/junho de 2001: pp. 3-17.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México, DF: Siglo Veinteuno, 1987, 3 ed.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. São Paulo: Papyrus, 1991.

SALLUM JR., Brasília. A condição periférica: o Brasil nos quadros do capitalismo mundial (1945-2000). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac, 2000.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. São Paulo: Ediouro, 1990.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O capitalismo histórico*. (Trad. Denise Bottmann). São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. (Trad. Vera Ribeiro) Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.